

PARTIDOS E DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS VOTOS NA CIDADE DE SÃO PAULO

1994-2000

Argelina Figueiredo, Fernando Limongi,
Maria Paula Ferreira e Paulo Henrique da Silva

RESUMO

O artigo examina os resultados das eleições na cidade de São Paulo entre 1994 e 2000, a fim de identificar como se distribuem ali as bases de apoio eleitorais das principais forças partidárias. Utilizando recursos de análise fatorial, o estudo mostra que o desempenho dos partidos mais votados na cidade tende a se repetir nos pleitos para os diferentes cargos (legislativos e executivos) e níveis (municipal, estadual e federal). Constata ainda que esses partidos contam com bases geográficas claramente delimitadas: o PSDB obtém mais votos em regiões centrais e de maior renda; a votação do PT é expressiva em áreas mais pobres da cidade, em especial na Zona Leste; e o PPB tem melhor desempenho em bairros tradicionais de classe média-baixa.

Palavras-chave: eleições; partidos políticos; cidade de São Paulo; padrões de votação.

SUMMARY

The article examines electoral outcomes in São Paulo from 1994 to 2000 in order to identify the distribution of the main parties' electoral support areas. Through factorial analyses, it shows that effects of the most voted parties tend to recur in elections for distinct offices (legislative and executive) and levels (city, state and federal). It also reveals that those parties have distinctly marked geographic basis: PSDB receives more votes in central areas and with higher incomes; PT's votes come over all from poorer areas, particularly the East Zone; and PPB gets better results in traditional lower middle class neighborhoods.

Keywords: elections; political parties; Sao Paulo; voting patterns.

Conta-se hoje com um razoável acúmulo de conhecimentos sobre o comportamento dos eleitores paulistanos: desde 1974, quase todos os pleitos eleitorais realizados na cidade de São Paulo foram objeto de estudo. Durante o processo de abertura política as análises basearam-se em pesquisas por amostragem, buscando desvelar as atitudes e crenças dos eleitores, ou em dados agregados, buscando identificar a composição social do voto nos diferentes partidos. Este último enfoque era reforçado por análises "ecológicas", em que os votos eram agregados de acordo com áreas socialmente homogêneas. Tais estudos eram em geral informados por uma preocupação mais ampla, qual seja, a de investigar se o eleitorado brasileiro apresentava as características tidas como necessárias ao funcionamento da democracia.

Estudos baseados em *surveys* passaram a escassear com o avanço da redemocratização e foram deixando de lado questões e referências mais

amplas: a preocupação com as relações entre comportamento eleitoral e democracia cede lugar a um tratamento mais focado na explicação dos resultados de eleições específicas, sobretudo aquelas para os cargos executivos. Ainda que essa nova geração de estudos já discutisse algumas consequências do multipartidarismo na rearticulação das forças políticas e na redistribuição do eleitorado, adotava um foco mais específico: explicar a ascensão e consolidação do voto de direita na cidade¹.

Neste artigo buscamos identificar padrões de distribuição de votos na cidade de São Paulo, analisando as eleições realizadas entre 1994 e 2000 para cargos legislativos e executivos nos níveis nacional, estadual e municipal. Antes, fazemos um breve histórico dos principais aspectos do voto na cidade no período 1982-92.

As eleições de 1982 a 1992: aspectos principais

No período 1974-82 os estudos eleitorais se concentraram na ascensão do voto de oposição na cidade: o MDB (depois PMDB) tem desempenho cada vez melhor nas regiões mais pobres, enquanto as dificuldades da Arena (depois PDS) em obter votos são tanto maiores quanto mais periférica a região da cidade. Tomadas em conjunto, essas análises pareciam decretar a inviabilidade eleitoral dos partidos de direita em áreas altamente urbanizadas².

Já as análises sobre o período pós-1982 são marcadas — inversamente — pela necessidade de compreender as razões da reação e ascensão dos partidos de direita, com a perda correlata da hegemonia peemedebista. O pluripartidarismo trouxe um cenário mais complexo, mas com um pólo aglutinador dado pelo voto de direita. A recuperação eleitoral da direita, como se sabe, foi capitaneada por Jânio Quadros, que surpreende já nas eleições para o governo estadual de 1982, ao obter a segunda colocação na cidade. Em 1985, nas eleições para prefeito, o mesmo Jânio impõe a primeira derrota ao PMDB³. Nas várias eleições que se seguem assiste-se à hemorragia dos votos peemedebistas e à consolidação do "malufismo" como o legítimo herdeiro do "janismo". Somente em 1990 e 1992, no entanto, Maluf conseguirá chegar ao patamar alcançado por Jânio, ao obter 37% dos votos nos dois primeiros turnos em que compete⁴. Os estudos que analisaram os votos direitistas e a trajetória de Maluf apontaram a existência de um eleitorado potencial dos candidatos de direita, cuja magnitude permaneceu razoavelmente estabilizada em torno de um terço dos votos paulistanos desde 1982 até 1992⁵.

Os destinos dos votos do PMDB não são tão facilmente identificados. Os votos do partido em 1992, comparados a seu desempenho dez anos antes, mostram a rapidez das perdas sofridas. A partir de 1985 essa perda mais parece uma queda livre: na eleição daquele ano a soma de votos dos candidatos do PT e do PMDB é a mesma da eleição de 1982, mas este último

(1) Cf. Pierucci, Antônio Flávio e Lima, Marcelo C. "A direita que flutua: o voto conservador nas eleições de 1990 em São Paulo". *Novos Estudos*, nº 29, 1991, pp. 10-27; "São Paulo 92, a vitória da direita". *Novos Estudos*, nº 35, 1993, pp. 94-99; Pierucci, Antônio F. "A direita mora do outro lado da cidade". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 10, 1989, pp. 44-64 — análises com base em dados agregados, mas Pierucci também caracteriza o perfil do eleitorado de direita por meio de entrevistas qualitativas ("As bases da nova direita". *Novos Estudos*, nº 19, 1987, pp. 26-45). Carlos Alberto Novaes, por sua vez, propõe zoneamentos baseados em resultados das eleições de 1996 para medir as preferências dos eleitores ("A geografia do voto em São Paulo e contornos sociais das preferências do eleitor". *Novos Estudos*, nº 45, 1996, pp. 3-14).

(2) Cf. Lamounier, Bolívar. "Comportamento eleitoral em São Paulo: passado e presente", Faria, Vilmar. "As eleições de 1974 no estado de São Paulo: uma análise das variações inter-regionais". In: Lamounier, Bolívar e Cardoso, Fernando Henrique (orgs.). *Os partidos e as eleições no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975, pp. 15-44, 205-242; Lamounier, Bolívar. "O voto em São Paulo, 1970-1978". In: Lamounier, Bolívar (org.). *Voto de desconfiança: eleições e mudança política no Brasil (1970-79)*. Petrópolis/São Paulo: Vozes/Cebrap, 1980, pp. 15-80. Tal diagnóstico parecia referendar argumento no mesmo sentido referente ao período 1946-64 (cf. Soares, Gláucio Ary D. *Sociedade e política no Brasil*. São Paulo: Difel, 1973).

(3) Cf. Lamounier, Bolívar e Muszynski, Judith. "A eleição de Jânio Quadros". In: Lamounier, Bolívar (org.). *1985: o voto em São Paulo*. São Paulo: Idesp, 1986, pp. 1-31; Pierucci, "A direita mora do outro lado da cidade", loc. cit.

(4) O crescimento dos votos de Maluf se deu em todas as áreas homogêneas (cf. Pierucci e Lima, "A direita que flutua...", loc. cit.).

(5) Cf. *ibidem*.

(6) Cf. Lamounier e Muszynski, op. cit.

perde votos para o PT em todas as áreas, sobretudo na periferia⁶. Ao longo do período o PT teve um desempenho errático, com grande variação de votos nas diversas eleições, embora sempre associado às regiões de renda mais baixa. O PSDB não herdou o voto peemedebista — ou se herdou uma parte, não a manteve. Em 1988 o partido obtém péssimo resultado na eleição para prefeito, e o seu melhor desempenho relativo se dá nas regiões mais ricas da cidade — portanto, com um padrão de recrutamento social inverso ao do PMDB. Na eleição presidencial de 1989, porém, Covas é o candidato mais sufragado na cidade, com 31,9% dos votos. Um ano depois disputa o governo do Estado e perde apoio, obtendo apenas 17,8% dos votos. A perda se dá em todos os grupos sociais, mas é mais forte entre aqueles em que o partido tinha melhor desempenho, isto é, os das áreas mais favorecidas.

Em resumo, esses dez anos podem ser caracterizados pela recuperação da viabilidade eleitoral da direita, que lhe possibilita conquistar a prefeitura de São Paulo por duas vezes, em 1985 e em 1992. Não há propriamente um crescimento da direita no período, mas o crescimento e consolidação do malufismo: a viabilidade e o sucesso da direita dependem, assim, da sua capacidade de apresentar um candidato que unifique esse eleitorado. Já os votos de centro-esquerda, controlados pelo PMDB até 1982, sofrem um processo mais acentuado de fragmentação. O PMDB progressivamente desaparece do mapa eleitoral da cidade, e as votações do PSDB e do PT apresentam muita flutuação ao longo do período. Na verdade, o PSDB só mostra alguma viabilidade na eleição presidencial de 1989 e o PT tem bom desempenho nas três eleições para a prefeitura, enquanto suas candidaturas para a Presidência e para o governo estadual não mostram nem de longe a mesma força.

A análise que empreendemos a seguir mostra que a partir das eleições de 1994 três partidos detêm a grande maioria dos votos na cidade e contam com bases geográficas claramente delimitadas: o PSDB obtém votações mais altas nas regiões mais centrais e de maior renda; a votação do PT está acima de sua média em áreas mais pobres da cidade, especialmente na Zona Leste; e o PPB tem seu melhor desempenho nos tradicionais redutos janistas, como o folclórico bairro da Vila Maria⁷.

O padrão de distribuição de votos na cidade em 1994-2000

Com o objetivo de traçar um mapa das forças políticas em São Paulo no período recente, examinamos por meio de análise fatorial os resultados das votações paulistanas entre 1994 e 2000, tendo como unidades de análise 1.042 locais de votação⁸ que congregam em média cerca de 5.400 votos e cuja distribuição na cidade pode ser vista no *Mapa 1d* (ver encarte de mapas ao final do Dossiê). A análise fatorial permite identificar e operacionalizar dimensões latentes em um grande número de variáveis, reduzindo o número de indicadores mas preservando a maior parte da informação contida nos dados originais⁹. No caso de dados eleitorais, permite identificar as dimen-

(7) A continuidade do padrão espacial da votação em Jânio Quadros de 1953 a 1985 é mostrada em Sadek, Maria Tereza. "A trajetória de Jânio Quadros". In: Lamounier (org.), 1985: *o voto em São Paulo*, loc. cit., pp. 66-88.

(8) O número de locais de votação não corresponde exatamente à lista do TRE, mas à agregação feita para fins de análise.

(9) Cf. Hair, Joseph e outros, *Multivariate data analysis*. 5ª ed. New Jersey: Prentice Hall, 1998.

sões mais relevantes associadas ao voto e os padrões espaciais de votação, operacionalizados a partir dos escores fatoriais.

Na construção do modelo fatorial para os locais de votação foram consideradas as eleições majoritárias (excluída apenas a eleição para o Senado) e proporcionais para os níveis municipal, estadual e federal¹⁰. Inicialmente a análise incluiu todos os partidos que obtiveram pelo menos 3% da votação e os votos brancos e nulos em cada pleito no período, correspondendo a 83 variáveis. Resultaram daí quinze fatores que explicavam, em conjunto, 83% da variabilidade total. PSDB, PT e PPB estavam porém integralmente representados nos três primeiros fatores, correspondendo a mais de 50% da variabilidade total, o que justificou a composição do modelo final com esses três partidos mais os votos brancos e nulos, que totalizavam 45 variáveis.

Essa opção não representou grande perda de informação, uma vez que em nenhuma eleição no período esses partidos obtiveram menos de 60% e 40% dos votos totais para os cargos executivos e legislativos, respectivamente — em média, somados aos votos brancos e nulos, receberam 80% e 69% dos votos. Nesse modelo reduzido foram extraídos cinco fatores, por meio do método de componentes principais, com uma explicação de 84% da variabilidade total. Analisados os significados e o poder de explicação de cada um dos fatores, optou-se por trabalhar com os três primeiros, que explicam 76% da variabilidade total. Para fins de interpretação, os escores fatoriais gerados a partir da análise foram transformados numa escala de zero a 1, sendo que zero representa os menores percentuais de votação no partido correspondente ao fator e 1 os maiores índices de votação nesse partido¹¹.

A *Tabela 1* mostra a composição dos três fatores conforme os pleitos de 1994 a 2000. Cada fator agrupa os votos num dos partidos: o Fator 1 está positivamente relacionado aos votos no PSDB e negativamente relacionado aos votos brancos e nulos, explicando 40% da variabilidade dos votos; o Fator 2 agrega as votações do PT, com 21% da variabilidade total; e o Fator 3 corresponde aos votos do PPB, com 15% da variabilidade. A análise revela, portanto, uma alta associação do desempenho dos partidos entre os diferentes pleitos, isto é, a variação desse desempenho nos locais de votação em relação à média na cidade tende a se repetir nos diversos pleitos. Mostra também alta correlação entre as eleições majoritárias e proporcionais intrapartidos, o que indica coerência eleitoral bem maior do que afirma a visão folclórica sobre a falta de consistência do eleitor brasileiro.

A distribuição desses fatores no espaço não é aleatória. Pelo contrário, os votos em cada um dos partidos correspondentes aos fatores identificados, assim como os brancos e nulos, concentram-se em núcleos que assumem contornos distintos no espaço na cidade. Esse padrão de distribuição de votos pode ser visto claramente nas três representações cartográficas do *Mapa 2d*, elaboradas com base nos três fatores que emergiram da análise¹²: o Fator 1 (PSDB) tem seu núcleo nos distritos de Alto de Pinheiros, Pinheiros e Jardim Paulista, espalhando-se pelos distritos adjacentes (de maneira inversa, os votos brancos e nulos, representados no mapa pelos mais baixos escores, em azul, concentram-se nos distritos de Jardim Ângela, Jardim São Luís e

(10) Testamos inicialmente dois modelos de análise fatorial, um considerando apenas votações para os cargos executivos e outro para os cargos legislativos. Os resultados foram análogos, isto é, os fatores gerados expressavam as mesmas dimensões.

(11) Para fins de interpretação foi realizada a transformação Varimax.

(12) Essa representação espacial foi obtida por meio do método de "interpolação por média ponderada", que consiste na geração de uma superfície contínua composta de uma grade regular, sendo que o valor atribuído a cada célula é definido pela média dos locais de votação próximos, ponderada pelo inverso do quadrado da distância euclidiana entre a célula considerada e esses locais (cf. Burrough, Peter. *Principles of geographical information systems for land resources assessment*. Oxford: Clarendon Press, 1987).

Tabela 1
 Composição fatorial dos votos no PSDB, PT, PPB
 e brancos/nulos nas eleições legislativas e executivas
 Município de São Paulo
 1994-2000

Votos/eleições	Composição fatorial		
	Fator 1	Fator 2	Fator 3
<i>PSDB</i>			
Dep. estadual 1994	0,925	-0,244	0,085
Governador 1998	0,921	-0,330	0,048
Dep. federal 1994	0,912	-0,275	0,160
Prefeito 2000	0,910	-0,333	0,022
Prefeito 1996	0,878	-0,308	-0,043
Dep. federal 1998	0,853	-0,347	-0,182
Vereador 1996	0,852	-0,122	-0,182
Vereador 2000	0,834	-0,174	-0,091
Dep. estadual 1998	0,800	-0,300	-0,131
Presidente 1994	0,795	-0,436	0,364
Presidente 1998	0,784	-0,475	0,329
Governador 1994	0,773	-0,322	0,355
Dep. federal 1994	0,494	-0,184	0,374
<i>Branco/nulos</i>			
Governador 1998	-0,912	-0,003	-0,286
Dep. federal 1994	-0,910	0,071	-0,303
Presidente 1998	-0,905	0,005	-0,267
Dep. estadual 1994	-0,903	0,052	-0,247
Presidente 1994	-0,872	0,042	-0,372
Governador 1994	-0,854	0,082	-0,346
Prefeito 2000	-0,807	-0,173	0,076
Prefeito 1996	-0,644	-0,038	-0,123
Dep. federal 1998	-0,589	-0,086	0,139
Vereador 1996	-0,565	-0,046	-0,353
Dep. estadual 1998	-0,532	-0,179	0,135
Vereador 2000	-0,244	-0,272	0,480
<i>PT</i>			
Dep. federal 1994	0,156	0,917	-0,056
Dep. estadual 1994	0,028	0,915	-0,058
Dep. federal 1998	-0,143	0,910	-0,258
Governador 1994	-0,253	0,904	-0,160
Dep. estadual 1998	-0,333	0,827	-0,355
Presidente 1994	-0,501	0,759	-0,328
Vereador 1996	-0,211	0,749	-0,503
Vereador 2000	0,129	0,740	-0,297
Governador 1998	-0,567	0,709	-0,325
Presidente 1998	-0,603	0,662	-0,378
Prefeito 2000	-0,560	0,625	-0,380
Prefeito 1996	-0,486	0,596	-0,528
<i>PPB</i>			
Governador 1998	0,135	-0,281	0,894
Prefeito 2000	0,080	-0,193	0,826
Prefeito 1996	0,362	-0,390	0,770
Vereador 1996	0,015	-0,172	0,756
Dep. federal 1998	-0,265	-0,309	0,734
Vereador 2000	-0,116	-0,098	0,669
Dep. estadual 1994	0,279	-0,106	0,538
Dep. federal 1994	0,494	-0,184	0,374
Dep. estadual 1998	-0,115	-0,380	0,356

Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo.

Parelheiros); o Fator 2 (PT) apresenta seus mais altos índices na região leste da cidade, mais especificamente nos distritos de São Rafael, Iguatemi, Sapopemba e São Mateus; e o Fator 3 (PPB) está concentrado na Vila Maria, Tatuapé e Água Rasa.

Assim, PSDB, PT e PPB parecem contar com bases geográficas claramente definidas, onde o desempenho de cada um é bem acima de sua média para qualquer cargo disputado em qualquer dos pleitos realizados. Isso significa que cada partido conta com um capital de votos nessas regiões que, embora longe de garantir seu êxito eleitoral, constitui uma base de apoio sólida que lhe dá viabilidade em qualquer disputa eleitoral¹³.

O desempenho dos três partidos nas diferentes eleições é bastante diferenciado, mas, como já sublinhado, o padrão de variação em torno da média se repete a cada eleição para os diferentes cargos. É o que mostram os *Mapas 3d a 5d*, que indicam as médias de votação de cada um desses partidos em eleições em que obtiveram resultados diferentes. Quanto mais baixa a média, mais saliente a força do reduto, como se verifica ao comparar os pares cartográficos. A boa *performance* dos partidos em seus redutos é representada pela forte mancha vermelha nos mapas correspondentes às votações de cada um deles. Podemos falar em reduto eleitoral porque os três partidos têm nesses locais uma alta votação garantida, mesmo nos pleitos em que registraram índices mais baixos de votação. Quando o partido cresce, é nessas regiões que o seu crescimento relativo é menor. Inversamente, seu crescimento relativo é maior nas áreas de menor penetração, diluindo-se a mancha vermelha que se observa nos mapas relativos aos seus melhores resultados.

A análise da associação do desempenho de cada um dos partidos entre os diferentes pleitos reforça os resultados apresentados na análise fatorial. Tal associação é ainda maior quando se consideram votações para os mesmos cargos em duas eleições seguidas. Por exemplo, o candidato presidencial do PSDB recebeu 50,2% dos votos dos paulistanos em 1994, e quatro anos depois, 52,6%. A realização de uma análise de regressão linear simples considerando os resultados obtidos pelo PSDB nas eleições presidenciais de 1994 e 1998 indicou um coeficiente muito próximo de 1¹⁴, ou seja, a votação de Fernando Henrique nos dois anos variou muito pouco em cada local de votação. Essa mesma relação pode ser verificada para o desempenho do partido nas eleições para deputado federal e estadual.

A exceção fica para a votação de Covas nas duas eleições para o governo estadual: a correlação ainda é alta, mas há variação significativa no apoio que recebeu nos dois pleitos, sendo sufragado por 41,5% dos paulistanos em 1994 e por 22,3% em 1998. A ausência de Maluf no primeiro pleito e sua presença no segundo são em boa medida responsáveis por tal variação. Quanto às eleições para a prefeitura, como o PSDB nunca teve candidatos fortes nesse nível, as proporções de votos obtidos para as proporcionais e as majoritárias se aproximam.

Também se observa alta associação longitudinal no apoio eleitoral obtido pelo PT. Há regiões da cidade onde o partido obtém, de maneira consistente, seu melhor (e pior, está claro) desempenho, e as vinculações do

(13) Por ser baseada em dados agregados, a análise não nos permite, obviamente, fazer qualquer afirmação sobre o comportamento individual dos eleitores.

(14) Tanto esse coeficiente (0,85) como a constante (10,38) são estatisticamente significantes.

apoio recebido pelo partido nas urnas cresce à medida que isolamos pares de eleições e/ou cargos. Assim, nas eleições presidenciais de 1994 e 1998 Lula obteve os mesmos 23,6% dos votos, e uma análise de regressão para essas duas eleições mostra que tal estabilidade se deu em cada um dos locais de votação¹⁵. Nas eleições para o governo estadual naqueles anos o PT registra, respectivamente, 12,0% e 19,8% dos votos — uma variação relativamente pequena e muito fortemente associada à votação do partido nas eleições proporcionais. Na eleição para prefeito em 1996 o candidato do partido registra uma votação muito próxima da obtida por Lula dois anos antes. Já a eleição de 2000 representa um salto no desempenho do partido: depois de obter cerca de 20% dos votos na eleição para o governo estadual de 1998, Marta Suplicy é eleita para a prefeitura de São Paulo com 34,4% dos votos. Em termos das eleições proporcionais, observa-se que em 1994 e 1998 a variação não excede 4 pontos percentuais; já nos pleitos de 1996 e 2000 os vereadores do partido recebem conjuntamente mais votos que Lula obtivera nas respectivas eleições presidenciais precedentes.

A associação interna entre os pleitos e cargos observada para o PT é bem maior do que a verificada para as demais legendas: o partido parece ter bases mais sólidas, que lhe granjeiam um apoio estável em todo tipo de pleito. A distância dos desempenhos do PT entre as eleições majoritárias e proporcionais é menor em cada pleito e muito próxima nos três pleitos realizados no período. Em 2000, está claro, o partido muda de patamar ao conquistar a prefeitura, atraindo novo contingente de eleitores.

Analogamente aos dois outros partidos, o PPB tem um padrão geográfico de votação claramente discernível. O desempenho atípico do partido em 1994 merece menção. Naquele ano, tendo conquistado a prefeitura em 1992 e diante da aliança nacional firmada pelo PSDB e PFL, Maluf optou por não concorrer. A ausência do líder afeta o voto no partido, que cai nas duas eleições proporcionais para pouco mais de 6%. Em 1996 ele mais uma vez não concorrerá, mas participará ativamente da campanha de Celso Pitta, seu escolhido para sucedê-lo na prefeitura. O PPB tem então ótima *performance*, obtendo 44,9% dos votos na eleição para o cargo majoritário (trata-se do melhor desempenho obtido por um candidato de direita desde a volta ao pluripartidarismo) e 28,4% na eleição para a Câmara de Vereadores. Na eleição para o governo estadual de 1998 Maluf já apresenta uma queda de votos não apenas em relação a 1996, como também quanto ao seu desempenho em 1990 e 1992. A votação que obtém nessa eleição (29,6%) é a sua pior marca na década. Em 2000, quando pela primeira vez, desde 1986, seu controle sobre os votos da direita é contestado, Maluf sofre nova queda, obtendo 16,6% dos votos. A associação entre os votos nas eleições majoritárias de 1996 e 1998 é muito alta: o coeficiente de determinação de uma regressão simples é de 0,83. A perda de algo como 15 pontos percentuais de votos é constante em todos os locais de votação.

Ao contrário dos outros partidos, porém, o desempenho do PPB nas eleições majoritárias e proporcionais em um mesmo ano tende a apresentar menor associação. Da mesma forma, os votos para a Câmara dos Deputados e

(15) A regressão explica 89% da variação. O coeficiente é de 1,153 e o valor da constante de — 3,947, sendo ambos os valores estatisticamente significativos.

para a Assembléia Legislativa não são tão articulados entre si. Isso pode ser explicado pela independência política de Maluf ou pela maior fragmentação dos partidos de direita na cidade, onde o PPB passa a disputar votos com PFL, PL, PTB e, por vezes, com o próprio PDT. Como em certas eleições esses partidos se coligaram, as duas possibilidades não devem ser tomadas como excluídas.

Em resumo, há em geral uma alta associação entre votações em diferentes eleições e cargos em disputa quanto aos três partidos que controlam a grande maioria dos votos na cidade. Essa associação é mais alta no partido mais fortemente organizado, o PT, e mais baixa no mais dependente de liderança individual, o PPB. Ainda assim, parece ser possível afirmar que os partidos estruturam os votos na cidade.

Novos Estudos
CEBRAP
N.º 64, novembro 2002
pp.153-160
